



GEDES

Grupo de Estudos de Defesa e
Segurança Internacional

OBSERVATÓRIO SUL-AMERICANO DE DEFESA E FORÇAS ARMADAS

INFORME BRASIL Nº 42/2020

Período: 14/11/2020 - 20/11/2020

GEDES – UNESP

- 1- Ministro da Defesa e generais comentaram fala de Bolsonaro
- 2- Pujol e Mourão comentaram sobre orçamento e envolvimento das Forças Armadas na política
- 3- Periódicos comentaram declarações de Pujol e o papel das Forças Armadas
- 4- Colunistas comentaram relações entre militares e governo Bolsonaro
- 5- Senador questionou indicação de militar para diretoria da Anvisa
- 6- Ministério da Defesa declarou que seu titular é o único militar com representação política no governo
- 7- Oficial da Marinha comentou importância das águas brasileiras no Dia da Amazônia Azul
- 8- Documentário retrata a vida da primeira mulher trans na Força Aérea Brasileira
- 9- Coronel da Força Aérea Brasileira foi acusado de ter papel determinante em esquema da "rachadinha"

1- Ministro da Defesa e generais comentaram fala de Bolsonaro

De acordo com o periódico *Correio Braziliense*, os generais Paulo Chagas e Carlos Alberto dos Santos Cruz criticaram as declarações do presidente da República, Jair Bolsonaro, sobre "usar a pólvora" nas relações com os Estados Unidos, caso confirmada a vitória de Joe Biden nas eleições. Chagas, candidato a governador do Distrito Federal em 2018 e ex-aliado do presidente, escreveu que deixou de "dar atenção a pronunciamentos de fanfarrões, às suas ameaças absurdas e à exposição do seu despreparo e falta de maturidade". Já o general Santos Cruz, ex-ministro da Secretaria de Governo, disse estar "cansado de show", e que o Brasil "não é um país de maricas", em alusão à fala de Bolsonaro quanto à pandemia de coronavírus. Afirmou ainda que o país "votou contra extremismos e corrupção", "por equilíbrio e união", mas que é "tolerante demais com a desigualdade social, corrupção, privilégios" e precisa de seriedade, não de "show, espetáculo, embuste, fanfarronice e desrespeito". Ainda segundo o *Correio*, o ministro da Defesa, general Fernando Azevedo e Silva, disse a jornalistas que a menção à pólvora foi "força de expressão". De acordo com o jornal *O Estado de S. Paulo*, Azevedo participou do Seminário da Defesa Nacional junto com a alta cúpula das Forças Armadas na Escola Superior de Guerra (ESG), e afirmou que o Brasil é "um país pacífico, em busca da paz sempre", sob o princípio da "não-intervenção", mas aludiu à estratégia de dissuasão ao afirmar que "não existe país pacífico sem ser forte". O ministro afirmou ainda que os militares devem, "por obrigação legal, ser diretamente envolvidos nas relações internacionais" e que estariam inseridos na "democracia

plena". (Correio Braziliense - Política - 14/11/20; O Estado de S. Paulo - Política - 14/11/20)

2- Pujol e Mourão comentaram sobre orçamento e envolvimento das Forças Armadas na política

Segundo o jornal *Correio Braziliense*, o comandante do Exército, general Edson Pujol, e o vice-presidente da República, general Hamilton Mourão, comentaram sobre o tamanho e o orçamento atual das Forças Armadas, e da relação política com o governo. Em um seminário da Defesa Nacional, com a presença da cúpula das Forças Armadas e do ministro da Defesa, general Fernando Azevedo e Silva, Pujol afirmou que considerando "as dimensões continentais, o tamanho da população e a importância que o nosso país detém nas nossas fronteiras, subsolos, águas territoriais", o Exército brasileiro é um dos menores do mundo e possui um orçamento insuficiente. O comandante afirmou que, em caso de emergência, não adiantaria destinar "100 bilhões de euros" em recursos, pois não haveria tempo hábil para preparar seus militares para o combate. Sobre o assunto, Mourão comentou que "é objetivo permanente das Forças que a gente atingisse um patamar de 2% do PIB (Produto Interno Bruto), porque as Forças vivem em dificuldade. Mas as Forças também compreendem a situação que o país vive e que nós temos outras necessidades a serem atendidas". Ainda segundo o *Correio*, no mesmo seminário Pujol afirmou que as Forças Armadas não são uma instituição de governo e não possui partido, que "cuidam do país, da nação" independente de mudanças ou permanências de determinado governo. No dia 12/11/20, em uma transmissão ao vivo do Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa (IREE), Pujol já havia afirmado essa distância do governo ao afirmar que "não queremos fazer parte da política governamental ou da política do Congresso Nacional e, muito menos, queremos que a política entre nos nossos quartéis". O vice-presidente também endossou a declaração ao afirmar que "se entra política pela porta da frente (do quartel), a disciplina e hierarquia saem pela porta dos fundos". Sobre esse ponto, Mourão afirmou que "a nossa legislação foi mudada no período de 1964, porque o camarada era eleito, participava de processo eleitoral e, depois, voltava para dentro do quartel" e que essa politização teria sido um problema muito sério, servindo apenas "para causar divisão". De acordo com o jornal *Folha de S. Paulo*, os militares da ativa alocados em ministérios dentro do governo federal, general Eduardo Pazuello, ministro da Saúde, e o almirante Flávio Rocha, chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos, teriam pedido a Mourão que evitasse discordar ou gerar algum atrito publicamente com o presidente da República, Jair Bolsonaro, mas que o vice-presidente se limitou a dizer que suas falas e de Pujol são "uma posição nossa de muitos anos", e não algum tipo de "ação orquestrada". Segundo o periódico *O Estado de S. Paulo*, Bolsonaro se manifestou nas redes sociais a respeito das declarações de Pujol, dizendo que elas "vem exatamente ao encontro do que penso sobre o papel das Forças Armadas no cenário nacional", e reafirmando que foi ele quem escolheu Pujol para ser comandante do Exército. (Correio Braziliense - Política - 14/11/20; Folha de S. Paulo - Poder - 14/11/20; O Estado de S. Paulo - Política - 14/11/20)

3- Periódicos comentaram declarações de Pujol e o papel das Forças Armadas

De acordo com o jornal *Folha de S. Paulo*, a fala do comandante do Exército, general Edson Pujol, distanciando as Forças Armadas da política, seria o marco

de uma nova fase na relação dos militares com o presidente da República, Jair Bolsonaro, na qual os desconfortos do Alto-Comando das Forças Armadas seriam sinalizados publicamente, e não mais internamente. O periódico citou um brigadeiro da Força Aérea Brasileira e outros militares que corroboram essa análise, apontando que o problema teria sido criado pelos próprios militares ao decidirem fazer parte do governo de Bolsonaro a partir de um alarde criado dentro dos quartéis em 2018 com uma possível volta do Partido dos Trabalhadores (PT) ao poder. Segundo a *Folha*, após diversos desentendimentos da “ala ideológica” com a “ala militar” do governo, a declaração de Bolsonaro sobre o uso de pólvora contra os Estados Unidos, caso consolidada a vitória de Joe Biden nas eleições, foi vista como “abusiva” e “passível de processo disciplinar”, levando o general Pujol a uma “riscada de faca no chão”, apoiada até por “um dos mais bolsonaristas dos antigos membros do Alto Comando do Exército” e pelo vice-presidente da República, general Hamilton Mourão. Já *O Estado de S. Paulo* afirmou em editorial que “o estrito respeito à Lei Maior e às leis complementares que tratam da atuação dos militares”, que delimitam com clareza o papel das Forças Armadas e não dão espaço “para confusão que dê azo a interpretações mais extravagantes desses marcos legais”, seria a solução para o princípio expresso por Pujol de não deixar que a política entre nos quartéis nem que militares façam parte dela. O texto pontuou ainda que “dirimir as contendas próprias da seara política” não está entre os papéis republicanos atribuídos às Forças Armadas, mas sim ampliar o debate sobre defesa nacional, em referência ao seminário promovido pela Escola Superior de Guerra (ESG), que considerou vital para “a compreensão do papel dos militares na democracia” e “para que a sociedade também possa ter mais clareza sobre a importância da defesa nacional”. (*Folha de S. Paulo - Poder* - 14/11/20; *O Estado de S. Paulo - Notas e Informações* - 14/11/20)

4- Colunistas comentaram relações entre militares e governo Bolsonaro

Em coluna opinativa para o periódico *Folha de S. Paulo*, o jornalista Alvaro Costa e Silva afirmou que a desmoralização das Forças Armadas é o “maior e mais bem realizado trabalho” do governo federal, ao “humilhar militares de alta patente, reduzindo-os a recrutas zeros” desde que foi eleito. O colunista afirmou que a declaração do presidente da República, Jair Bolsonaro, sobre a possibilidade de entrar em guerra com os Estados Unidos fomentou a “chacota geral” das Forças por parte da população, que ridicularizou a preparação dos militares nas redes sociais. Costa e Silva também destacou a fala do vice-presidente da República, general Hamilton Mourão, a respeito, que “aparentemente sem se importar com o tamanho do buraco em que o Exército está metido”, “gozou a declaração do chefe” ao afirmar ter sido apenas figura de retórica do presidente. Por sua vez, o jornalista Jânio de Freitas afirmou que o preço que o Exército pagaria ao apoiar a campanha do então candidato Bolsonaro foi previsto por civis. Contudo, Freitas declarou que há a presença de uma “comunhão de visões” entre o presidente e os militares do Exército, e sendo assim, não existiriam sinais de insatisfação na Força em relação ao atual governo, ainda que certas ações choquem a sociedade civil. De outro lado, Freitas recordou o grupo de militares palacianos que tentou moderar Bolsonaro e sofreu consequências, a exemplo dos generais Carlos Alberto dos Santos Cruz, Otávio do Rêgo Barros e Hamilton Mourão – que estaria tentando transferir responsabilidades ao afirmar que a “política não pode entrar no quartel”. No

entanto, Freitas afirmou que a política teria sido “invadida” pelo Exército por meio do então comandante Eduardo Villas Boas, que entrevistou no processo eleitoral pressionando o Supremo Tribunal Federal para que impedisse eleitoralmente o ex-presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, e ao apoiar a candidatura de Bolsonaro. A *Folha* também comentou que foi com grande atraso que o comandante do Exército, general Edson Leal Pujol, explicitou que “lugar de fardado não é na política, e ela não deve adentrar nos quartéis”. O colunista Elio Gaspari afirmou que, em apenas dois anos, Bolsonaro levou as Forças Armadas “do paraíso ao purgatório”, e que o discurso de Pujol “foi um sinal necessário, cuja eficácia dependerá do prosseguimento de um exercício diário de chefia e disciplina”. (Folha de S. Paulo - Opinião - 14/11/20; Folha de S. Paulo - Colunas e blogs - 15/11/20; Folha de S. Paulo - Poder - 18/11/20)

5- Senador questionou indicação de militar para diretoria da Anvisa

De acordo com o jornal *Correio Braziliense*, o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) questionou a indicação do tenente-coronel da reserva Jorge Luiz Kormann para uma vaga na diretoria da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), colocando em debate se um perfil militar seria o melhor para o cargo ou se “não seria mais prudente, mais eficiente a indicação de pesquisadores ou alguém mais voltado para a área de saúde”. O idealizador da agência e médico sanitário Gonzalo Vecina também criticou a indicação, afirmando que se esperava ao menos “um profissional de saúde, alguém que tenha um mínimo de história com saúde pública no Brasil”. (Correio Braziliense - Brasil - 14/11/20)

6- Ministério da Defesa declarou que seu titular é o único militar com representação política no governo

De acordo com o periódico *Folha de S. Paulo*, o Ministério da Defesa publicou uma nota no dia 14/11/20 com o objetivo de tirar o foco dos comandantes das Forças Armadas e afirmando que o ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, é o único militar com representação política no governo. Na nota assinada pelo ministro e pelos comandantes das três Forças afirmou-se que Forças Armadas estão separadas da política partidária. Neste sentido, quando existem manifestações dos comandantes da Marinha, do Exército ou da Aeronáutica, se referem a termos institucionais. Segundo a *Folha*, o objetivo da nota seria finalizar a série de declarações feitas na semana do dia 09/11/20, que mencionavam um possível papel político da instituição. Ademais, a nota foi uma resposta aos militares da reserva que têm se manifestado criticamente ao governo Bolsonaro, como o general Carlos Alberto dos Santos Cruz, ex-ministro da Secretaria de Governo, e o general Otávio Rêgo Barros, ex-porta-voz da presidência da República. (Folha de S. Paulo - 15/11/20 - Poder)

7- Oficial da Marinha comentou importância das águas brasileiras no Dia da Amazônia Azul

Em texto publicado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* em 16 de novembro, no qual comemora-se o Dia Nacional da Amazônia Azul, o almirante de Esquadra e chefe do Estado-Maior da Armada Cláudio Portugal Viveiros compartilhou suas visões sobre a importância e desafios relacionados às águas brasileiras. O oficial ressaltou a proporção das águas territoriais do Brasil (5,7 milhões de km²) e a extensão das hidrovias (60 mil km), discorrendo sobre os enormes potenciais dessas áreas, como as reservas petrolíferas, minerais e pesqueiras, além de

uma biodiversidade comparável à Amazônia. Ademais, esse “valioso patrimônio brasileiro” também teria potenciais relacionados ao turismo, construção naval, integração territorial, transporte e esporte. O almirante afirmou que o Brasil seria um país de “vocação marítima”, contendo 80% da popula o e 90% do produto interno bruto (PIB) dentro de uma faixa de 200 km a partir da costa, além de circular 90% do seu comércio exterior pelo mar. Por fim, Viveiros reforçou que os fatores apontados justificariam a necessidade de “uma marinha moderna” e que o “Poder Marítimo” seria “o caminho para a sobrevivência e prosperidade”. Neste sentido, destacou alguns projetos da Marinha, como o Plano de Levantamento da Plataforma Continental Brasileira (Leplac) e o Plano Nacional de combate ao Lixo no Mar. Por fim, o almirante citou a atua o da Marinha no salvamento de pessoas, na vigilância das águas, no combate ao tr fico de drogas, da pesca ilegal, da polui o e pirataria, assim como a coopera o do  rgo nas investiga es sobre os vazamentos de óleo no Nordeste em 2019. (O Estado de S. Paulo - Espaço Aberto - 16/11/20)

8- Documentário retrata a vida da primeira mulher trans na Força Aérea Brasileira
De acordo com o periódico *Correio Braziliense*, o documentário “Maria Luiza”, do cineasta Marcelo Díaz, retrata a vida e os preconceitos sofridos por Maria Luiza da Silva, a primeira mulher trans da Força Aérea Brasileira (FAB), afastada por invalidez sem a existência de provas de sua inaptidão ao serviço militar. Segundo o *Correio*, Maria Luiza luta para que o erro cometido pela FAB seja reconhecido, e que o preconceito seja dirimido tanto no meio militar quanto na sociedade brasileira. Para Díaz, “se as forças armadas entenderem que   possível se humanizar e assumir que erraram com Maria Luiza, darão um pequeno passo, mas pequenas coisas geram mudanças”. Ao analisar o documentário, a *Folha de S. Paulo* destacou o fato de nenhum militar da Aeronáutica ter comentado o caso, nem permitido filmagens em instala es militares. (Correio Braziliense - Diversão & Arte - 19/11/20; Folha de S. Paulo - Ilustrada - 20/11/20)

9- Coronel da Força Aérea Brasileira foi acusado de ter papel determinante em esquema da “rachadinha”

Segundo o periódico *O Estado de S. Paulo*, o chefe de gabinete do senador Flávio Bolsonaro, coronel Miguel  ngelo Braga Grillo, que trabalha com o senador desde que entrou para a reserva da Força Aérea Brasileira em 2007, foi acusado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro de desempenhar “papel determinante no esquema de desvios de salários de funcionários na Assembleia Legislativa do Rio”, uma vez que integrava o cerne operacional do esquema fraudulento, além de enviar mensalmente ofícios ao Departamento Pessoal da Assembleia Legislativa do Estado do Rio “atestando falsamente a frequência integral dos assessores componentes da organiza o criminosa”. Outrossim, o Ministério Público acusou o coronel de ter feito um depósito de R\$20 mil em espécie na conta da esposa de Flávio Bolsonaro, Fernanda Antunes Figueira, em 2011. Entretanto, em depoimento o coronel afirmou que o dinheiro seria utilizado para quitar a compra de um carro adquirido pela mesma, o que não foi comprovado, já que a Promotoria não encontrou os registros dessa transa o na declara o do Imposto de Renda ou em informa es do Departamento Estadual de Trânsito. (O Estado de S. Paulo - Política - 19/11/20)

SITES DE REFERÊNCIA

Correio Braziliense – www.correioweb.com.br

Folha de S. Paulo – www.folhaonline.com.br

O Estado de S. Paulo – www.estadao.com.br

*Informamos que as colunas opinativas da Folha de S. Paulo e o conteúdo na íntegra do Correio Braziliense e O Estado de S. Paulo não são disponíveis gratuitamente na versão online. No entanto, aqueles que tiverem interesse em receber as notícias destes jornais utilizadas na produção do Informe Brasil, podem solicitá-las a gedes@franca.unesp.br

Equipe:

Davi Campos Matos (Redator, graduando em Relações Internacionais); Gislaine Amaral Silva (Redatora, graduanda em Relações Internacionais); Guilherme Evaristo Rodrigues Macieira (Redator, graduando em Relações Internacionais); Heed Mariano Silva Pereira (Supervisora, graduada em Relações Internacionais); Henrique Muniz Fernandes (Redator, graduando em Relações Internacionais); Jonas de Paula Vieira (Redator, graduando em Relações Internacionais); Juliana de Paula Bigatão (Supervisora, doutora em Relações Internacionais); Laura Meneghim Donadelli (Supervisora, doutoranda em Relações Internacionais, bolsista CAPES); Léa Briese Staschower (Redatora, graduanda em Relações Internacionais); Leonardo Pontes Vinó (Redator, graduando em Relações Internacionais); Lucas Rizzati Iquegami (Redator, graduando em Relações Internacionais).